

OS IRMÃOS FERRARI COM OS
FILHOS, COMPANHEIROS,
AMIGOS E JU PAGUL (DE ROXO):
INCANSÁVEIS ATIVISTAS DA
CENA NOTURNA BRASILIENSE

Carlos Vieira/CB/D.A Press



A NOITE AINDA é uma festa

INTERDITADOS PELA LEI DO SILÊNCIO, OS AMANTES DAS FESTAS, DA MÚSICA E DA ATMOSFERA NOTURNA SEGUEM OCUPANDO, COMO PODEM, OS ESPAÇOS URBANOS DA CIDADE

MARYNA LACERDA

Quando o sol vai embora, a vocação administrativa de Brasília dá lugar à noite criativa nos vãos da arquitetura moderna. Botecos, inferninhos e festas em casas particulares dão vazão à efervescência cultural de uma turma que faz da noite a diversão e o trabalho. A despeito do olhar conservador, há quem não só aproveite as festas para viver uma cidade mais despojada como também prospere a partir delas. Tanto que Brasília entra no ciclo de entretenimento antes ocupado apenas por Rio de Janeiro e São Paulo.

Os irmãos Ferrari viveram, desde muito cedo, todas as possibilidades da noite brasiliense. De estilo alternativo, circulam por tendências diversas, do forró ao reggae, sem se esquecer do rock. Nos idos de 1990, a regra era ir para a 109 Sul e, de lá, decidir a festa da noite. "A 109 Sul era a nossa rede social. Lá, a gente ficava sabendo de tudo o que estava acontecendo, encontrava os amigos e ia para as festas", lembra Júlia Ferrari, 34 anos. Aos 14, 15 anos, não faltava energia à geração que ouvia de AC/DC a Planet Hemp. O único contraponto era o axé. "Nós, os alternativos, éramos tudo, menos os playboys do axé. Muita gente nos via a partir daquele estereótipo de violentos e brigões, mas éramos todos uns ursinhos carinhosos", brinca Júlia.

A festa continuava até depois de o sol sair. Às 7h, às 9h e até ao meio-dia ainda havia alguém disposto a esticar a noite em papos intermináveis, em discussões variadas, em que o objetivo era questionar, não chegar a um consenso. "A gente saía da festa e ia para debaixo dos blocos tocar violão, conversar. Foi muito importante viver isso", afirma Paula Ferrari, 32 anos. Os irmãos foram aos bares da época, aos happy hours da Universidade de Brasília, às festas em chácaras, no Lago Norte ou em Sobradinho. "A gente pedia carona para as pessoas na rua até chegar na festa. E para voltar, fazíamos o mesmo ou voltávamos a pé", brinca Júlia.

Do convívio boêmio firmaram-se projetos de vida e ideias de trabalho. As turmas das festas se uniram em bandas, em grupos de teatro e, hoje, movimentam o cenário artístico local. "Meus pais costumavam dizer que a noite serve para fazer contatos. Acho que somos a prova disso, porque temos músicos, atrizes e atores na família. Quase todos os nossos amigos são da noite", conta Lucas Ferrari, 31. E, mesmo com o nascimento das crianças, o grupo não deixou de viver a cultura noturna. "A gente adapta a rotina às crianças. Vamos a locais em que

elas podem dormir quando se cansarem, mas não deixamos de curtir", garante Lucas, pai de Linda Julieta, 4. "A gente quer passar para os nossos filhos a importância da noite para a cultura. Dela, saem os artistas", reforça Paula.

As experiências da década de 1990 foram fundamentais para criar os grupos que mantêm a cultura musical em atividade. A cooperação entre quem faz música eletrônica, quem se especializou em R&B (rhythm and blues) ou quem abre o estabelecimento para o forró define a noite brasiliense. "A noite daquela época era marcada pelo desplanejamento, pela autenticidade, pela espontaneidade", afirma Ju Pagul, proprietária do Balaio Café. Com isso, houve quem encontrasse um nicho de mercado. "Muitas das pessoas que hoje são produtoras eram frequentadoras no passado. Começaram tocando em matinês", conta o produtor Luidj, da festa Laboratório. Segundo ele, público e frequentadores foram crescendo juntos. "Formaram-se núcleos que deram força para a música de Brasília", avalia. As festas, inclusive, integram outras áreas da cultura. A Mimosa é um bom exemplo disso.

Nesse cenário, a qualidade das festas foi melhorando, na avaliação do produtor Chico Aquino. "Hoje, a postura profissional ganhou espaço. Em um primeiro momento, houve a busca dos produtores por fazer algo melhor, uma posição mais cuidadosa para que crescêssemos como profissionais. Depois, a demanda passou a exigir mais, passou-se a uma relação mais comercial com o público", destaca o produtor das festas Mistura Fina e Makossa. Para ele, o público se recicla de tempos em tempos. "Muda o público porque muda a geração. Aparecem novos comportamentos, novas linhas musicais. As festas são influenciadas pela geração que as frequenta", analisa.

Ainda assim, a noite se firma derrubando obstáculos. "A gente tem que enfrentar uma ditadura subjetiva, com o toque de recolher que há na cidade. Vejo uma angústia de algumas pessoas em verem as outras felizes e, por isso, procuram empecilhos para quem quer viver a noite. Os produtores se unem para manter a atividade cultural", afirma Ju Pagul. Para ela, as mordidas com que se tenta sufocar a Brasília noturna, como a lei que estabelece em 55 decibéis o ruído máximo emitido em estabelecimentos, devem ser combatidas com cultura. "Tudo que é muito reprimido de um lado, tem outro que transborda. Temos que continuar promovendo a diversidade de identidades, de culturas", afirma.

FICHA TÉCNICA

O QUE É

Balaio Café

ONDE

202 Norte

QUANDO

De terça-feira a domingo

O QUE É

Festa Play!

ONDE

Clube Asceb, na 904 Sul

QUANDO

Às sextas-feiras

O QUE É

Festa Moranga

ONDE

Outro Calaf, no Setor Bancário Sul

QUANDO

Às quartas-feiras

O QUE É

Festa Melanina

ONDE

Clube Ascade, no Setor de Clubes Sul

QUANDO

Variável

O QUE É

Festa Laboratório

ONDE

Star Night Club, no Setor Comercial Sul

QUANDO

Aos sábados

O QUE É

Festa Criolina

ONDE

Variável

QUANDO

Variável

O QUE É

Festa Mimosa

ONDE

Sem lugar fixo

QUANDO

Sem periodicidade definida



Ana Júlia Melo/Divulgação

MIMOSA DIA, NO PARQUE DA CIDADE: ARTE, ARTESANATO, ALEGRIA, GASTRONOMIA E MÚSICA, TUDO AO MESMO TEMPO